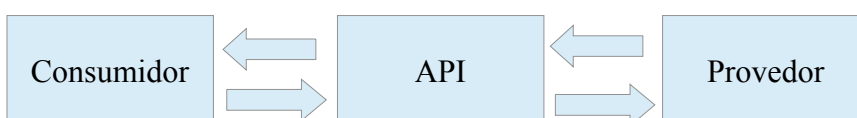


## Conceitos – Módulo I – Desenvolvimento de Aplicações para WEB – 2020/2 (2021)

## 1 – API – Aplicações WEB

**Application Programming Interface – Interface de Programação de uma Aplicação**

É um componente de software que possui um conjunto de funções que faz a intermediação do acesso a algum tipo de sistema. É um conceito genérico e abrangente, pois muitos componentes de software são considerados APIs. Existe uma confusão recorrente de que Web Services é a mesma “coisa” que API. Na verdade, Web Services são APIs, porém nem todas APIs são Web Services.



E, quando se usa o termo Desenvolvimento de Aplicações WEB, é necessário separar os elementos desta frase. Primeiro, “desenvolvimento” é auto explicável, ou seja, construção, implementação e termos similares explicam algo relacionado a criar... Já o termo aplicações, para o contexto deste curso, será um conjunto maior que contém APIs e outras funcionalidades, ou seja, teremos APIs e consumidores destas APIs. E, por último o termo WEB, refere-se ao meio que será usado para disponibilizar estas aplicações, seja a API em si, seja seus consumidores.

## 2 - REST

**Representational State Transfer – Estado Representacional de Transferência**

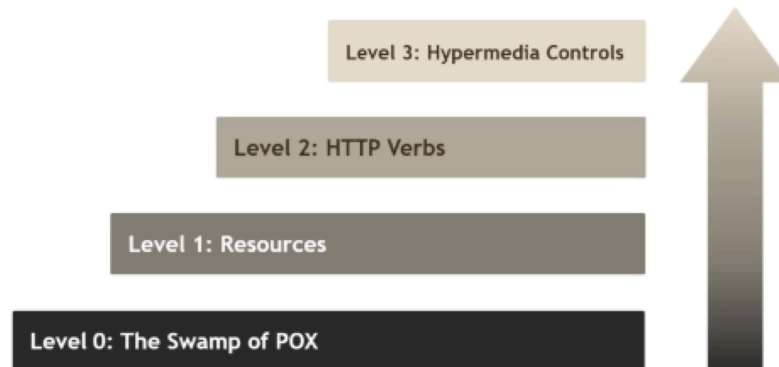
É um modelo arquitetural que O conceito de REST surge a partir de uma tese de doutorado de Roy Fielding que apresenta um conjunto de regras para que houvesse conformidade de uma API com um conceito pré-estabelecido em termos de qualidade, funcionalidade e disponibilidade. A separação entre o provedor e o consumidor, a escalabilidade, independência de linguagem, a necessidade de integração, simplicidade e padronização são algumas definições que REST se utiliza. Do ponto de vista forma, REST apresenta regras (constraints) bem claras: cliente-servidor; stateless; cache; interface uniforme; código sob demanda.

Vantagens dos *Web Services RestFul*:

- Desenvolvimento fácil e rápido.
- REST é um padrão arquitetural leve, portanto em escolhas por limitação de banda opte por Web Services REST.
- Rapidez nos processamentos de dados de requisições e respostas.

# Richardson Maturity Model

Glory of REST



\* POX = Plain Old XML, Richardson Maturity Model

## Então, são nível 0, 1, 2 e RESTful?

“O que precisa ser feito para tornar o estilo de arquitetura **REST** claro sobre a noção de que o **hipertexto é uma restrição**? Em outras palavras, se o mecanismo do estado do aplicativo (e, portanto, a API) **não estiver sendo orientado ao hipertexto**, então **não poderá ser RESTful** e não poderá ser uma API RESTful por completo. Há algo de errado em algum lugar que precisa ser consertado?

Roy T. Fielding



Hypermedia As The Engine Of Application State (HATEOAS)

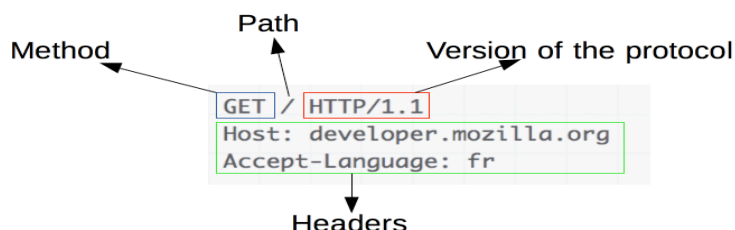
### 3 – PROTOCOLO HTTP

Apesar da independência de protocolo, para colocar REST na prática é necessário o uso de um protocolo, e, neste caso iremos o usar o protocolo HTTP.

HTTP é um protocolo que permite a obtenção de recursos, como documentos HTML. É a base de qualquer troca de dados na Web e um protocolo cliente-servidor, o que significa que as requisições são iniciadas pelo destinatário, geralmente um navegador da Web. Um documento completo é reconstruído a partir dos diferentes sub-documentos obtidos, como por exemplo texto, descrição do layout, imagens, vídeos, scripts e muito mais.

### 3.1 Requisições

Exemplo de uma requisição HTTP:

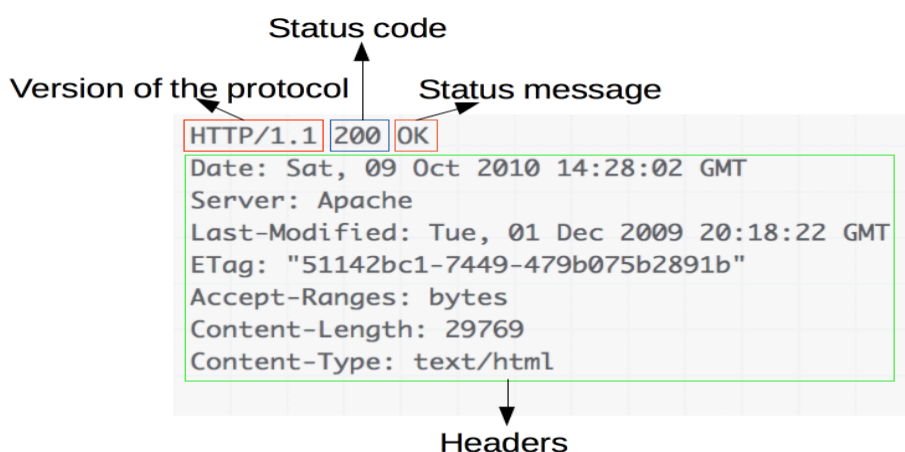


As requisições consistem dos seguintes elementos:

- Um método HTTP, geralmente é um verbo como GET, POST, DELETE, PUT, etc, ou um substantivo como OPTIONS ou HEAD que define qual operação o cliente quer fazer. Tipicamente, um cliente que busca um recurso, usa GET ou publica dados de um formulário HTML, usa POST, embora mais operações podem ser necessárias em outros casos.
- O caminho do recurso a ser buscado; a URL do recurso sem os elementos que são de contexto, por exemplo sem o protocolo (`http://`), o domínio (*domain*) por exemplo `ufj.edu.br`), ou a porta (*port*) TCP (aqui indicada pelo 80 que é ocultado por ser o número da porta padrão)
- A versão do protocolo HTTP (antes do HTTP/2.0 as mensagens eram legíveis. Com o HTTP/2.0, essas mensagens simples são encapsuladas dentro de quadros –*frames* –, tornando-as impossíveis de ler diretamente, mas o princípio se mantém o mesmo).
- Cabeçalhos opcionais que contém informações adicionais para os servidores.
- Ou um corpo de dados (*body request*), para alguns métodos como POST, similares aos corpos das respostas, que contém o recurso requisitado.

### 3.2 Respostas

Exemplo de resposta HTTP:

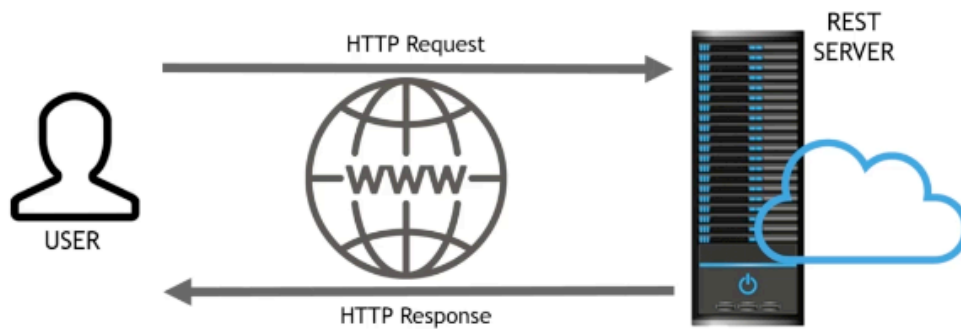


Respostas consistem dos seguintes elementos:

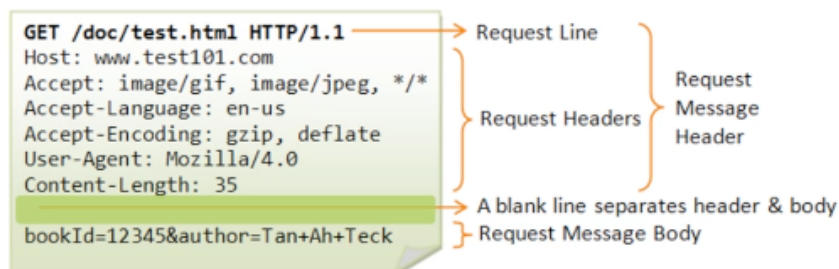
- A versão do protocolo HTTP que elas seguem.
- Um código de status, indicando se a requisição foi bem sucedida, ou não, e por quê.

- Uma mensagem de status, uma pequena descrição informal sobre o código de status.
- Cabeçalhos HTTP, como aqueles das requisições.
- Opcionalmente, um corpo com dados do recurso requisitado.

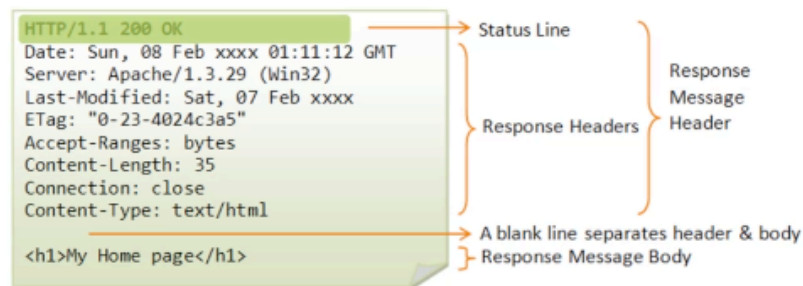
## Request e Response



## Request



# Response



## 3.3 Identificadores, Localizadores e

**URI** ou Identificador Uniforme de Recursos ou (*Uniform Resource Identifier*) é uma cadeia de caracteres compacta usada para identificar ou denominar um recurso na Internet. O principal propósito desta identificação é permitir a interação com representações do recurso por meio de uma rede, tipicamente a Rede Mundial, usando protocolos específicos. URIs são identificados em grupos definindo uma sintaxe específica e protocolos associados. É uma forma generalizada de denominar tanto **URLs** quanto **URNs**.

Um exemplo de URI é `/caminho/recurso?querystring#fragmento`

**URN** ou Nome Uniforme de Recursos ou (*Uniform Resource Name*) é um tipo de URI que usa o URN Scheme e que tem por objetivo a identificação única do recurso, de forma persistente e independente da sua localização. **Não é comum a utilização do termo URN.**

Um exemplo de URN seria `urn:lex:br:federal:lei:2008-06-19;11705`. Esta é uma forma padronizada para referenciar esta lei. O mesmo vale para livros, metadados e outros identificadores únicos. Este identificador vive dentro de um namespace.

O que importa mais para os programadores é o URI e também a URL já que é precis identificar além de um nome único, a localização daquele recurso.

**URL** ou Localizador (Padrão) Uniforme de Recursos ou (*Uniform Resource Locator*) é o endereço de um recurso (como um arquivo, uma impressora etc.), disponível em uma rede; seja a Internet, ou mesmo uma rede corporativa como uma intranet.

Um URL completo tem a seguinte estrutura:

`esquema://domínio:porta/caminho/recurso?querystring#fragmento`

*esquema*, ou protocolo, poderá ser HTTP, HTTPS, FTP, entre outros.

*domínio*, ou máquina, designa o servidor que disponibiliza o documento ou recurso designado.

*porta*, ou porto, é o ponto lógico no qual pode-se fazer a conexão com o servidor (opcional).

*caminho* especifica o local (geralmente num sistema de arquivos) onde se encontra o - recurso dentro do servidor.

*query string* é um conjunto de parâmetros a ser enviado ao servidor, usado para localizar, filtrar, ou mesmo criar o recurso (opcional).

•identificador de fragmento se refere a uma parte ou posição específica dentro do recurso (opcional).

O esquema diz como conectar, o domínio especifica onde conectar, e o resto especifica o que está sendo pedido.

Exemplo:

<http://www.ufj.edu.br/Addressing/URL/uri-spec.html>

o protocolo é o HTTP, o servidor é designado por [www.ufj.edu.br](http://www.ufj.edu.br) e o recurso — neste caso o arquivo (uri-spec.html)— encontra-se em Addressing/URL/. A porta, omitida, recai sobre o padrão do protocolo (no caso, 80) e não há *query string* ou identificador de fragmento.

## 4 – SPRING

É um ecossistema de projetos, ou seja, um conjunto de projetos que apresentam soluções para problemas recorrentes ou caminhos para ações comuns. O objetivo deste ecossistema é permitir que o programador/desenvolvedor foque nas regras de negócio e não perca tempo com a construção de infraestrutura de código para suportar o “negócio” em si. Os projetos do Spring podem ser acessados em <https://spring.io/projects>.

### 4.1 Spring Boot

O Spring Boot é um projeto do Ecossistema Spring que facilita o processo de configuração e publicação de APIs. Ele cuida da organização e da infraestrutura necessária para que uma aplicação possa ser executada “rodar” naturalmente sem grandes esforços.

Ele consegue isso favorecendo a convenção sobre a configuração. Basta que você diga pra ele quais módulos deseja utilizar (WEB, Template, Persistência, Segurança, etc.) que ele vai reconhecer e configurar.

Você escolhe os módulos que deseja por meio dos *starters* que inclui no arquivo pom.xml do projeto. Eles, basicamente, são dependências que agrupam outras dependências. Inclusive, como temos esse grupo de dependências representadas pelo starter, nosso pom.xml acaba por ficar mais organizado.

Apesar do Spring Boot, através da convenção, já deixar tudo configurado, nada impede que você crie as suas customizações caso sejam necessárias.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de SPRING BOOT pode ser acessado em: <https://blog.algaworks.com/spring-boot>.

#### 4.1.1 DevTools

**DevTools** é um módulo do Spring Boot que adiciona algumas ferramentas que são interessantes em tempo de desenvolvimento.

Um primeiro benefício dele é quanto a configuração de propriedades úteis para desenvolvimento. Algumas bibliotecas suportadas pelo Spring Boot usam cache para melhorar sua performance.

O segundo benefício é a reinicialização automática. Cada arquivo criado nos diretórios que fazem parte do seu *classpath* serão monitorados e qualquer alteração neles acarretará em uma reinicialização do Spring Boot. Esses diretórios são, basicamente, os diretórios `src/main/java` e `src/main/resources`.

Um último benefício que quero comentar é o fato do DevTools conter um servidor embarcado do LiveReload. O que esse servidor faz é enviar um aviso para o navegador dizendo que os nossos arquivos estáticos ou os de templates foram alterados. E com isso o navegador atualiza nossa página sozinho.

## 4.2 Spring Framework

O Spring é uma ferramenta na categoria Frameworks (Full Stack) de uma pilha de tecnologia. Foi desenvolvido para a plataforma Java baseado nos padrões de projetos (Design Patterns), inversão de controle e injeção de dependência.

O Spring dispõe para o programador diversas tecnologias, que simplificam o desenvolvimento de código de infraestrutura, como a Injeção de Dependência e Inversão de Controle.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de SPRING FRAMEWORK pode ser acessado em: <https://enotas.com.br/blog/spring-framework/>.

### 4.2.1 Inversão de Controle

Inversão de controle (*Inversion of Control* ou IoC) trata-se da interrupção do fluxo de execução de um código, retirando, de certa forma, o controle sobre ele e delegando-o para uma dependência ou *container*. O principal propósito é minificar o acoplamento do código.

Isso permite que exista uma facilidade na hora de trocar ou acrescentar comportamentos ao sistema (se necessário) e também diminui a possibilidade de ocorrência bugs em cascata.

No Spring Framework, a interdependência entre os objetos é mínima, ou seja, as instâncias das classes são fracamente acopladas. E a inversão de controle, no Spring, é facilitada por outro Design Pattern: Injeção de Dependência.

### 4.2.2 Injeção de Dependência

A injeção de dependência tem como objetivo evitar o acoplamento de código em uma aplicação. Portanto, podemos dizer que a injeção de dependência é uma forma de aplicar a inversão de controle. E isso pode ser feito de 3 formas no Spring Framework, veja:

- anotação `@Autowired`;
- Construtor da Classe (Constructor Injection);
- Método Setter (Setter Injection).

Entre as três opções, a mais indicada de ser utilizada é por Construtor da Classe, isso pois traz várias vantagens, como: o aumento da legibilidade do código, facilidade de manutenção e facilidade na construção dos testes.

## 5 – CRUD

CRUD é o acrônimo da expressão do idioma Inglês, *Create* (Criação), *Read* (Consulta), *Update* (Atualização) e *Delete* (Exclusão). Este acrônimo é comumente utilizado para definir as quatro operações básicas usadas em Banco de Dados Relacionais. Outros acrônimos podem ser usados para definir as mesmas operações: ABCD: *Add, Browse, Change and Delete* BREAD: *Browse, Read, Edit, Add and Delete* e VADE: *View, Add, Delete, Edit*.

Em ambientes REST, CRUD frequentemente corresponde aos métodos (verbos) HTTP POST, GET, PUT e DELETE.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de CRUD pode ser acessado em: <https://www.codecademy.com/articles/what-is-crud>.

Também é necessário neste momento fazer uma relação de CRUD com DAO e DTO (*Data Access Object* e *Data Transfer Object* respectivamente). Em geral na arquitetura MVC (Model-View-Control) o CRUD representa a camada entre o Modelo e a Visão, sendo manipulada pelo



Controle.

## **6 – O padrão MVC (Model-View-Controller)**

O MVC é um modelo arquitetural utilizado em muitos projetos devido a estrutura que possui, o que possibilita a divisão do projeto em camadas muito bem definidas. Cada uma delas, o Model, o Controller e a View, executa o que lhe é definido e nada mais do que isso.

A utilização do padrão MVC traz como benefício o isolamento das regras de negócios da lógica de apresentação, que é a interface com o usuário. Isto possibilita a existência de várias interfaces com o usuário que podem ser modificadas sem a necessidade de alterar as regras de negócios, proporcionando muito mais flexibilidade e oportunidades de reuso das classes.

Uma das características de um padrão de projeto é poder aplicá-lo em sistemas distintos. O padrão MVC pode ser utilizado em vários tipos de projetos como, por exemplo, desktop, web e mobile.

A comunicação entre interfaces e regras de negócios é definida através de um controlador, que separa as camadas. Quando um evento é executado na interface gráfica, como um clique em um botão, a interface se comunicará com o controlador, que por sua vez se comunica com as regras de negócios.

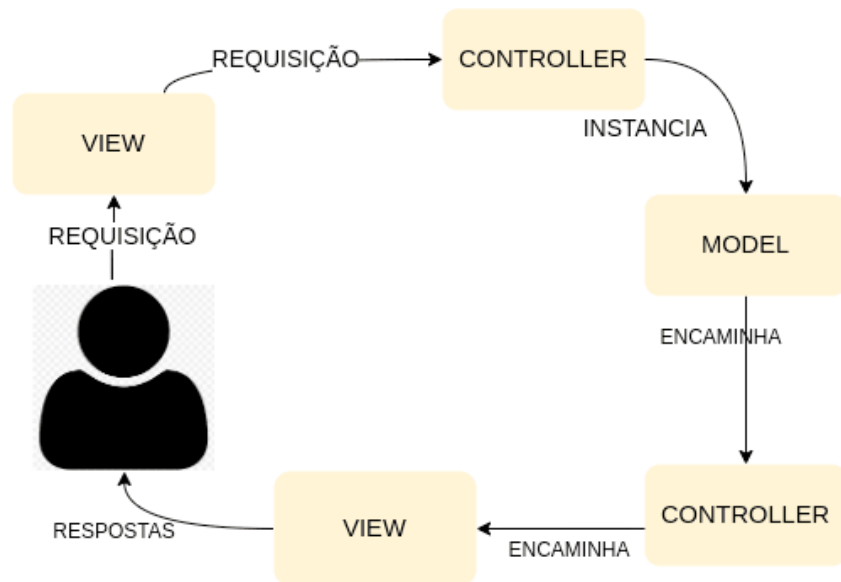
Imagine uma aplicação financeira que realiza cálculos de diversos tipos, como os de juros. Você pode inserir valores para os cálculos e também escolher que tipo de cálculo será realizado. Isto tudo é feito pela interface gráfica, que para o modelo MVC é conhecida como View. No entanto, o sistema precisa saber que você está requisitando um cálculo, e para isso, terá um botão no sistema que quando clicado gera um evento.

Este evento pode ser uma requisição para um tipo de cálculo específico como o de juros simples ou juros compostos. Fazem parte da requisição os valores digitados no formulário e a seleção do tipo de cálculo que o usuário quer executar sobre o valor informado. O evento do botão é como um pedido a um intermediador (Controller) que prepara as informações para então enviá-las para o cálculo. O controlador é o único no sistema que conhece o responsável pela execução do cálculo, neste caso, a camada que contém as regras de negócios. Esta operação matemática será realizada pelo Model assim que ele receber um pedido do Controller.

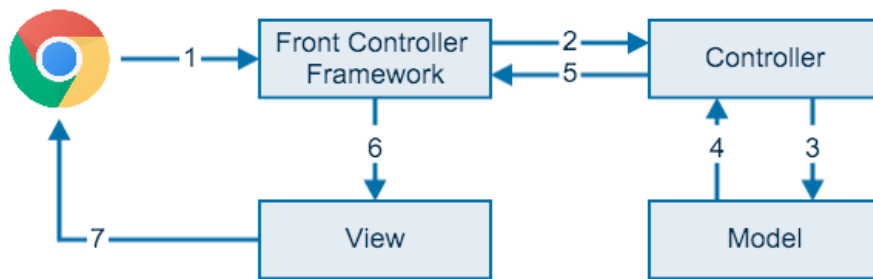
O Model realiza a operação matemática e retorna o valor calculado para o Controller, que também é o único que possui conhecimento da existência da camada de visualização. Tendo o valor em mãos, o intermediador o repassa para a interface gráfica que exibirá para o usuário. Caso esta operação deva ser registrada em uma base de dados, o Model se encarrega também desta tarefa.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de MVC pode ser acessado em: <https://www.devmedia.com.br/introducao-ao-padrao-mvc/29308>.





## 6.1 Spring MVC



**Detalhadamente, os passos mostrados na imagem acima, são:**

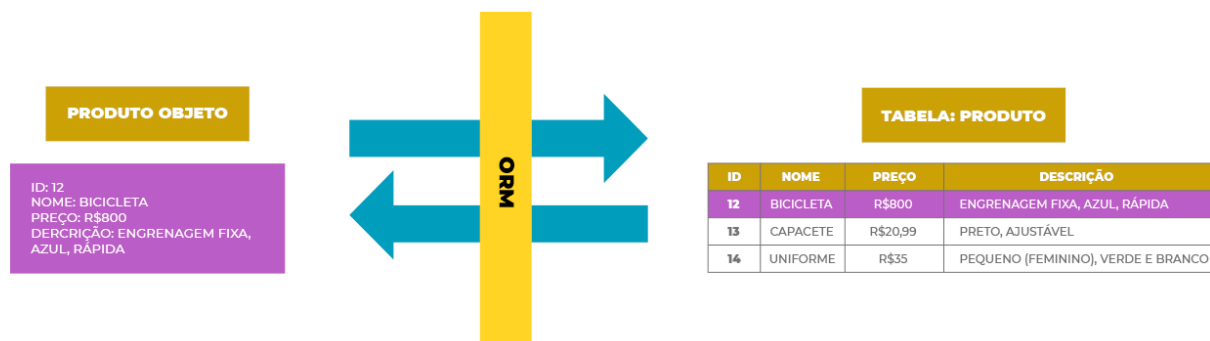
1. Acessamos uma URL no browser que envia a requisição HTTP para o servidor que roda a aplicação web com Spring MVC. Perceba que quem recebe a requisição é o controlador do framework, o Spring MVC.
2. O controlador do framework irá procurar qual classe é responsável por tratar essa requisição, entregando a ela os dados enviados pelo browser. Essa classe faz o papel do *controller*.
3. O *controller* passa os dados para o *model*, que por sua vez executa todas as regras de negócio, como cálculos, validações e acesso ao banco de dados.
4. O resultado das operações realizadas pelo *model* é retornado ao *controller*.
5. O controller retorna o nome da view, junto com os dados que ela precisa para renderizar a página.
6. O Framework encontra a view que processa os dados, transformando o resultado em um HTML.
7. Finalmente, o HTML é retornado ao browser do usuário.

Na prática, o “*controller*” é a classe Java com os métodos que tratam essas requisições. Portanto, tem acesso a toda informação relacionada a ela como parâmetros da URL, dados submetidos através de um formulário, cabeçalhos HTTP, etc.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de Spring MVC pode ser acessado em: <https://blog.algaworks.com/spring-mvc/>.

## 7 – ORM - Object-Relational Mapping (Mapeamento Objeto-relacional)

ORM define uma técnica para realizar a conciliação entre o modelo Entidade-Relacionamento (Dados) e Classes-Objeto (Aplicação). Uma das partes centrais é através do mapeamento de linhas para objetos:

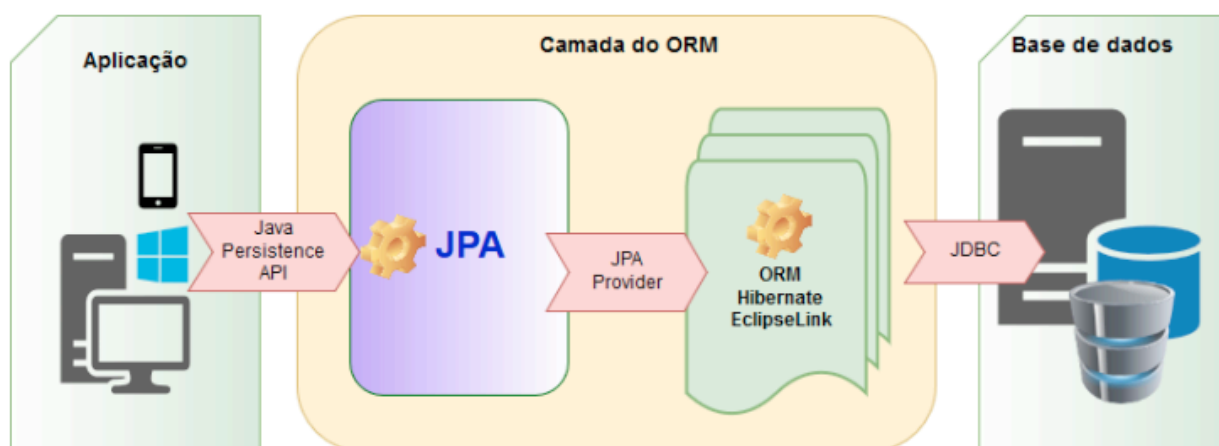


Os principais ORMs do mercado para linguagem Java são: Hibernate; EclipseLink; e, ActiveJPA.

Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de ORM pode ser acessado em: <https://www.treinaweb.com.br/blog/o-que-e-orm/>.

## 8 – JPA – Spring Data JPA

Java Persistence Application - JPA é a especificação do Java que dita como os frameworks ORM devem ser implementados. Ela foi criada com o intuito de padronizar essas soluções. Antes de sua criação existiam diversos frameworks e bibliotecas que abstraíam os desafios da persistência com ORM em Java.



Um artigo que apresenta com detalhes os conceitos de JPA pode ser acessado em: <https://notasecodigos.wordpress.com/2017/05/06/persistencia-de-dados-com-jpa>.